

PERTENÇA E CONTROLE SOCIAL. O USO DE APELIDOS ENTRE OS DELTAS

Mauro Guilherme Pinheiro Koury¹

Resumo

Este artigo buscou discutir o uso dos apelidos entre um grupo de jovens da cidade de João Pessoa, Paraíba, aqui denominado Delta. O apelido age como uma marca na onomástica do grupo e, se leva à criação de um novo ser no e para o mundo, implica também na busca de superação dos limites individuais e da objetificação da melhoria alcançada e do esforço para a plena aceitação no grupo. O que reforça a perspectiva de só haver indivíduo no grupo e não existir possibilidade de individualidade fora da coletividade, fazendo emergir a questão do poder no sistema de nominação do grupo. A onomástica agindo, através do incentivo constante ao mea culpa, na transformação do ato de rememoração individual em uma forma de controle grupal e, simultaneamente, na possibilidade de emergência de um novo ser. O sistema de nominação e a prática de rememoração do que se foi através dos apelidos parecem agir, enfim, na direção de um renascimento individual, e ao assim o fazerem recriam o grupo pela permanência e solidificação de sua presença no interior de cada sujeito e entre os membros em relação.

PALAVRAS CHAVE Sistema de Nominação; Onomástica; Apelidos; Pertença; Controle Social; Sociabilidade.

ABSTRACT *Belong and Social Control. The Use of Nicknames among the Deltas*

This article looked for to discuss the use of the nicknames among a group of youths of the city of João Pessoa, Paraíba, Brazil, here denominated Delta. The nickname acts as a mark in the onomastic of the group and, it is taken to the creation of a new being in and for the world, it also implies in the search of surpassing the individual limits and of the objectivity of the reached improvement and of the effort for the full acceptance in the group. It reinforces the perspective of there to be only individual in the group and not the existence of individuality possibility without of the collective, making to emerge the subject of power in the group's system of nomination. The onomastic acting, through the constant incentive to the mea culpa, transform the act of individual remembrance in a form of collective control and, simultaneously, in the possibility of emergency of a new one being. The nomination system and the remembrance practice than left through the nicknames they seem to act, finally, in the direction of an individual renaissance, and to make like this, they create again the group for the permanence and structuring of its presence inside each subject and enter the members in relationship.

KEYWORDS System of Nomination; Onomastic; Nicknames; Belonging; Social Control; Sociability.

¹ Antropólogo e Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.

Este artigo busca discutir o uso dos apelidos entre um grupo de jovens da cidade de João Pessoa, Paraíba, aqui denominado Delta². O uso de apelidos para se autodenominar em foi o que primeiramente chamou a atenção do autor quando da aproximação inicial com o grupo. Este estranhamento, comum na pesquisa antropológica quando o pesquisador começa a tomar contato com o outro como objeto de estudo, foi motivado pelo fato dos apelidos avocarem para características individuais dos sujeitos que os recebem não de todo elogiável. Ao contrário, na maioria das vezes o apelido exprime uma faceta que normalmente era e é considerada vergonhosa pelos indivíduos que a possuíam. Uma segunda característica que se atentou durante os primeiros contatos em campo, foi o fato dos apelidos serem assumidos pelos portadores como quase nomes próprios, muitas vezes se auto-referindo pela própria alcunha.

Entre os Deltas, todos os membros possuem uma espécie de cognome, um apelido que, normalmente, diz respeito a uma característica física ou de personalidade do sujeito apelidado. Por exemplo, Porcão é o apelido de um rapaz do grupo, gordo e de aparência suada e com muitas espinhas no rosto, membro dos Deltas. Em várias conversas a sós com o pesquisador ou em grupo, com outros membros, o informante muitas vezes referiu-se a si próprio pelo apelido. O apelido parece assumir para ele, e por extensão para todos os membros do grupo Delta, uma espécie de marca registrada de sua individualidade e de sua aceitabilidade no grupo, associando o cognome dado a cada um a uma espécie de marca pessoal distintiva de reconhecimento individual³ e de medição do esforço pessoal para vencer barreiras e aperfeiçoar-se constantemente no grupo.

A naturalização dos defeitos ou diferenças físicas ou de personalidade através dos apelidos, parece fazer cada membro do grupo pensar a sua diferença, recortada e evidenciada pelo cognome, como individualidade e reconhecimento individual junto aos outros membros, o que levantou uma série de considerações ao pesquisador sobre a relação dos apelidos à situação de pertença e do controle social resultante entre os Deltas.

Qual o significado do uso de apelidos no grupo? Porque os apelidos dados e aceitos por cada membro são sempre calcados em aspectos aparentemente depreciativos, no social mais amplo, àqueles que os possuem? O que tem isso a ver com a questão do controle social entre os Deltas? Porque estimulam o sentimento de pertença ao grupo e não o seu contrário, como seria de esperar quando alguém é chamado por uma alcunha que não necessariamente envolva aspectos positivos da personalidade ou características físicas dos sujeitos que as possuem? Como um apelido que busca tornar visível algum aspecto que normalmente um indivíduo gostaria de ter escondido ou pelo menos não notado, pode ser sentido pelos que os usam como uma baliza para a individualidade e consideração pessoal? Que tipos de interação acontecem no interior do grupo a partir desse sistema de nomeação?

O Sistema de Nomeação entre os Deltas

Apelidos, cognomes, alcunhas ou epítetos são termos que tem origem na palavra grega *epitheyon*, que significa, segundo Machado (2001), o adjetivo ou vocábulo que articulado a um nome provoca uma designação característica e particular. Aplica-se, deste modo, a uma pessoa ou coisa para indicar uma particularidade ou qualidade.

Para o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, o termo apelido denota uma designação especial a alguém ou a alguma coisa, embora em uma formulação transitiva direta e indireta possa ter o sentido de convite ou convocação. Apelidar possui, deste modo, a acepção de designação, denominação, cognonimação, bem como, de convocar ou convidar.

Do mesmo modo, ainda segundo o Aurélio, o termo apelidar tem o significado de por alcunha ou apelido em alguém, alcunhar, podendo ainda ter o sentido de sobrenome de família.

Ao se verificar os sentidos atribuídos ao termo alcunha, por sua vez, ainda seguindo o Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda, os mesmos indicam a denominação acrescentada ao nome propriamente dito de uma pessoa, ou usado para substituí-lo, denotativo seja de particularidades referentes a

² Delta é um nome fictício do grupo de jovens estudado. Não se usa, neste artigo, o nome com que eles se auto-designam para evitar possíveis embaraços para com o grupo ou seus membros. É importante, porém, evidenciar a existência de um nome para o grupo pelos que dele fazem parte. O reconhecimento através do nome, ou da denominação de si próprios como membro, parece construir e ampliar o sentimento de pertença ao grupo. Pertencer ou sentir-se pertencendo é ser um Delta. O Delta é um grupo de jovens habitantes de um bairro popular da cidade de João Pessoa, formado em sua totalidade por evangélicos, sobretudo, Batistas. Os seus membros, contudo, fazem questão de afirmar que não se caracterizam como um grupo evangélico, mas como um grupo de apoio e afirmação aos jovens de bairros populares da cidade. Atuam, principalmente, em dois bairros próximos do centro, embora afirmem possuir, em número menor, membros distribuídos por outros bairros populares da capital. O trabalho de campo com os Deltas faz parte de uma pesquisa maior vinculada ao GREM - Grupo de Pesquisa em Sociologia da Emoção da Universidade Federal da Paraíba, intitulado Medos Corriqueiros: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade, que teve início em janeiro de 2002. Nesta pesquisa maior se busca compreender a construção social do medo como parte integrante do jogo formador de sociabilidades e conformações sociais através da ação ordinária e cotidiana dos atores urbanos nas capitais dos estados brasileiros na contemporaneidade. Um primeiro artigo sobre o grupo foi publicado anteriormente na RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, (KOURY, 2002).

³ Ver para o caso do uso de cognomes na Internet o ensaio de Maldonado (2003) e o verbete nicknames da enciclopédia Wikipédia (2003).

seu ofício, seja de um traço característico de sua pessoa ou vida. O que, por sua vez, pode ser um apelido que se põe em alguém e pelo qual passa a ser conhecido, bem como um epíteto depreciativo derivado de qualquer particularidade física ou moral. Do mesmo modo, para Machado (2001), uma alcunha é uma figura de estilo que pode ser usada com o sentido de um impropério e ter um caráter ofensivo, embora não seja essa a regra, sendo também usada para designar qualidades do sujeito que o usa ou é por ele designado.

Segundo a Enciclopédia Wikipedia (2003), o termo alcunha pode estar relacionado a várias situações do sujeito a quem é atribuído. Pode estar referenciado diretamente ao primeiro nome da pessoa ou ao seu sobrenome, ou pode indicar o seu trabalho ou profissão. Pode ressaltar, também, a nacionalidade ou lugar de origem da pessoa alcunhada, com sentido ofensivo ou não, ou pode ter o sentido irônico e maldoso de sublinhar características físicas ou morais dos sujeitos nomeados, de forma direta ou por oposição como, por exemplo, avocar um indivíduo de gordo, realçando a sua característica física, ou chamá-lo de magrão, ressaltando a sua gordura pela oposição irônica do seu contrário.

A alcunha pode ainda estar relacionada a uma característica do caráter da pessoa, ou apontar um incidente ou ação específica do sujeito alcunhado, ou pode também ter um caráter ficcional de origem não necessariamente clara e direta.

Pela direção etimológica apresentada acima é possível pressupor então que, apesar dos termos apelido e alcunha serem tratados como sinônimos um tendo implicação sobre o outro, os dois, ao mesmo tempo, indicam uma série de particularidades que remetem a uma especificação diferenciada de cada termo. Neste sentido, o termo alcunha parece ser um subproduto do de apelido, denotativo de particularidades impostas por uma denominação ao nome ou a pessoa que o possui adjetivando-a, positiva ou negativamente. Já o termo apelido tem o sentido mais amplo, não só de um cognome adjetivado, mas de um sobrenome, no qual a pessoa que o leva ou a quem ele é atribuído o recebe como uma espécie de atribuição especial, assumindo-o como um tipo de convite ou convocação para pertencer a uma comunidade, a uma articulação relacional específica, a um grupo, ou a uma espécie de organização social determinada.

O termo apelidar, assim, invoca o sentido de pertença a um grupo, diferente do de alcunha, que parece indicar um denotativo mais individualizado a quem o possui ou para quem é dirigido, não importando, aqui, se no sentido positivo ou negativo. Alcinhar é, deste modo, a individualização de uma ação sobre uma pessoa e referência uma marca pessoal distintiva, seja de fundo moral seja de conteúdo físico. Pode, portanto, ser tanto inclusiva, aí no sentido mais social e próximo ao significado do termo apelidar, como exclusiva e individualizante. Servindo, no último caso, para simbolizar aspectos físicos ou morais positivos do indivíduo a quem é atribuído, por exemplo, fulano, o bom, e negativos, sicrano, o vesgo. Ambos aspectos ressaltando características individuais mais próximas ao que Goffman (1988) chama de estigma.

A distinção sutil neste trabalho é mais metodológica do que real, entre os termos apelido e alcunha, já que os dois estão relacionados nas possíveis significações do nomear indivíduos e coisas na vida social cotidiana. É necessária, contudo, para entender os movimentos simultâneos e em muitos sentidos relacionais um a outro do uso de epítetos como parte de um sistema de nominação entre os Deltas.

Todo Delta é conhecido no interior do grupo por uma espécie de alcunha individualizante, na maior parte das vezes aplicada a partir de uma característica, mormente ligada a um aspecto socialmente⁴ considerado ofensivo à pessoa que o carrega ou o detém. Este aspecto individualizante, assim, é carregado do sentido estigmatizante que ironiza ou ridiculariza a pessoa que o carrega, e que faz o mesmo sentir vergonha ou sentir-se ofendido ou em crise de ansiedade quando deste modo abordado. Ao mesmo tempo, por outro lado, este aspecto individualizante pelo sentido ofensivo socialmente, no interior do discurso Delta, é visto e sentido pelos seus membros como um elemento integrativo e de suporte pessoal de cada Delta na relação com um outro do grupo, e como pessoa para fora do grupo.

Esta contradição aparente remete, conseqüentemente, para o sentido atribuído pelo grupo à alcunha como uma espécie de sobrenome grupal. Como uma espécie, portanto, de apelido, na sua acepção mais integradora de enraizamento a uma prática cultural específica.

O que transforma o sentido individualizante da alcunha em apelido, isto é, como uma espécie de convite à integração de cada membro ao grupo. Um sentimento de pertença a cada um dos membros parece ser assim atestado, aqui usando como uma espécie de fundamento compreensivo a noção meadmiana do 'mim' (MEAD, 1934)⁵, enquanto problema da interpessoalidade que coloca o sujeito no mundo em sua relação com o outro, ou com o objeto da sua relação, o tornando pessoa, pelo uso do apelido. Apelido entendido com o caráter não mais de alcunha ou epíteto, pejorativo ou não, mais como uma espécie de metalinguagem por onde se organiza e

4 O socialmente, aqui empregado, diz respeito à sociedade mais ampla, no qual o indivíduo específico e o grupo Delta, como um todo, estão inseridos.

5 George Mead (1934), um dos fundadores da Escola de Chicago, distingue três noções que configuram o ator social enquanto figura psicológica e social em um processo de interação. Estas três noções são a do eu, do a mim e do mim. O eu, representando mais a configuração do sujeito individual, e o a mim a composição do objeto da ação deste sujeito individual. A interpessoalidade constante na noção de mim, diferente das duas primeiras, deste modo, representa a base que alicerça o sujeito no mundo.

dirige, - cada um e a totalidade grupal, - o embate interno de cada membro consigo mesmo e com os outros do grupo, e o estabelecimento de relações com o mundo em geral (KOURY, 2001).

O sistema de nominação Delta através da atribuição de apelidos, ao agir como metalinguagem estimulando o sentimento de pertença e o enraizamento de cada membro ao grupo, parece provocar entre cada um dos membros uma atitude de autocompreensão e respectivamente de compreensão e inserção no mundo Delta e fora dele. Como uma espécie de antes e depois da entrada na comunidade. Parece gerar uma ação simultânea de assunção de um lugar por onde cada qual se enxerga e se insere na comunidade Delta e, a partir daí, no mundo social em geral.

Ritual Delta de Nominação

Como é possível e como se dá à passagem da atribuição de alcunha em apelido, isto é, do processo individualizante para o processo de integração a coletividade entre os Deltas? Essa questão se colocou durante o decorrer de todo o trabalho de campo com o grupo, mas que só aos poucos foi ganhando sentido como uma espécie de quebra cabeça cujas peças iam se encaixando cada vez que o pesquisador adentrava na intimidade do coletivo, e que cada entrevistado permitia discutir os significados da atribuição dos nomes com os quais passariam a ser reconhecido pela comunidade, como também reconheceriam a si próprios.

Todo Mundo é o epíteto atribuído a uma jovem Delta e por ela incorporado como seu nome pessoal para o grupo. “É através dele que eu consigo me ver melhor como uma pessoa que quer melhorar e aprimorar o meu sentimento e as minhas relações com os outros, sejam eles meus irmãos por afinidade ou qualquer um que seja”, disse ela na segunda entrevista⁶ formal e após vários encontros informais, sozinha ou em grupo com o pesquisador.

Todo Mundo é uma moça de 23 anos, tem o segundo grau completo e trabalha como digitadora em uma distribuidora de medicamentos no centro da cidade de João Pessoa. Desde os 16 anos, segundo ela, passou “de mão em mão por vários namorados ou caras que eu encontrava em festinhas, pela praia, ou mesmo na rua e por onde que eu fosse. Eu era uma menina que andava com todo mundo e era falada e não conseguia manter amizade ou relacionamento sério com ninguém. Morria de vergonha quando via alguém me apontando por perto da rua que eu moro, e morria de culpa pelos meus pais e meus irmãos que não tinham nada com isso e se aperreavam com as coisas que diziam de mim por todos os lados, e mesmo pelas atitudes que eu proporcionava na minha gritaria em casa, ou mesmo na rua, para dizer que ninguém tinha nada a ver com minha vida”.

Todo Mundo não parava em emprego, deixou de estudar e completou o segundo grau depois através do supletivo. Vivia, segundo ela, em brigas constantes com o mundo, com a família e com ela própria, na ambivalência da vergonha e culpa, e da busca de independência na afirmação do “ninguém tinha nada a ver com minha vida”.

Aos dezenove anos entrou em contato, pela primeira vez, com o grupo Delta de forma acidental. Estava em uma festinha e deu “em cima de um cara, chamei ele pra sair comigo e ele me esnobou. Fiquei puta da vida, na maior raiva voltei pra casa querendo chorar e segurando as lágrimas. Dois dias depois estava tomando um lanche no intervalo do trabalho e vejo ele do outro lado do balcão. Finjo que não vi e vou comendo o mais rápido que possa para sair daquele local. Ele me vê e se aproxima, fala comigo e eu não respondo, mas acho que fiquei feito um camarão de vermelha, pelo menos me imagino assim. Ele não arreda o pé e eu termino trocando algumas palavras com ele...

“Depois de dois meses a gente está já se encontrando regularmente e ele, embora muito agradável, não tinha jeito de dar em cima de mim e parecia que não entendia as tiradas que eu jogava pra ele. Até que uma vez eu ataquei ele assim, de vez, sem que ele tivesse tempo de fugir ou se esquivar e ele me segurou e me puxou pra uma mesa, pediu dois guaranás e olhou pra mim e perguntou porque eu era assim. Foi um choque que tomei, quis me levantar mas ele não deixou e, pela primeira vez, conversei com alguém sobre mim mesma e fui ouvida sem recriminação e fui, a partir daí, me aproximando da turma dele, rapazes e moças, que passaram a ser minha turma, e fui me achegando, me achegando e quando me vi estava Delta”.

Ao perguntar se a alcunha de Todo Mundo tinha sido a ela atribuída antes de se tornar Delta ela diz que não e informa que o cognome foi dado numa das muitas rodadas de conversa com os novos amigos. Conversas onde cada qual “falava um pouco de si mesmo e era instigado a dizer um nome, que podia ser qualquer um, com que melhor dizia ou definiria a vida de cada um até o momento da entrada no grupo”. Quando a pessoa não sabia se expressar ou usava um termo que os outros não aprovavam, começava “uma rodada de nomes até que um era aceito pela pessoa e atribuído a ela como seu, e daí em diante as pessoas começavam a chamar por aquele apelido e a gente mesmo a se chamar, porque se reconhecia nele, pelo que fora até então e no que não queria mais ser, passando a então buscar uma melhor pessoa”.

A narrativa de Todo Mundo, em certo sentido, guardando as particularidades da história pessoal de cada um e daquilo que, até a chegada ao grupo, era motivo de chacota pelos outros ou de vergonha ou estranhamento

⁶ Entrevista concedida em 31 de janeiro de 2003.

pessoal, era muito parecida as demais. Todas narram a atribuição de uma alcunha vista e sentida como um apelido, como uma espécie de batismo ou imersão no grupo. Assim, por exemplo, Tiquito é o apelido de um rapaz do grupo, miúdo e de aparência doentia e parecendo muito tímido. Como todos, refere-se a si próprio pelo apelido, e informa, em sua entrevista⁷, que o termo Tiquito foi dado por ele mesmo, numa das muitas “rodadas de conversa” com o conjunto dos membros do Delta.

Galinha D’água, por sua vez, é uma moça que tem uma um tom de voz estridente, como um cacarejar, e que quase não saía de casa e não falava com ninguém com vergonha de sua voz, até conhecer e pertencer ao Delta. Diz, em uma das conversas com o pesquisador⁸ que “numa rodada de conversa, todo mundo começou de repente a falar de seus apelidos, de contar o que eram antes da entrada no grupo e coisa assim e, de repente, me perguntaram como eu me chamaria se eu tivesse que resumir tudo o que eu tinha vivido até aquele momento e que me fazia mal. Confesso que fiquei sem jeito, envergonhada mesmo, pensando que iriam aproveitar para esculhambar de mim, mas como todo mundo parecia não prestar atenção ao meu mal estar e continuava falando e rindo de tudo e de todos, fui me libertando e cheguei a dizer que era a minha voz que parecia um cacarejo. Que eu me chamaria de Cacarejo. Aí a turma disse tá certo, mas e se fosse isso, e se fosse aquilo, até que um lançou galinha d’água, um pássaro, segundo ele, que ficava se debatendo na água e zoando com uma voz de taquara rachada. Aí eu disse, gostei desse e fiquei sendo a Galinha D’água”.

Colchão é o apelido de um rapaz gordo de barriga e peitoral flácidos. Cabelinho, um rapaz com menos de vinte anos e possuidor de uma grande calvície. Mingau, um rapaz muito branco, “como um mingau” (leite engrossado com maisena, ou similar) e com aspecto de mimado “criado com vó”. Arremesso, por não ter “papas na língua”, e viver como que quase arremessando palavras e gestos. Cleidita, apelido de uma moça que parece querer “se passar por menininha”; Popô, apelido de um rapaz que “tem bunda grande e gorda”; Bolinha é uma moça gordinha e metida à engraçada; o apelido de Pensão, por sua vez, vem “de eu ser metido a parecer um pensador, um cara maior do que os outros”, entre muitos outros. Todos os apelidos revelam um aspecto do indivíduo, que se atribui ou que foi atribuído pela alcunha, que referencia o passado. Busca expressar aquilo que melhor sintetizaria o que cada um foi antes de ingressar no grupo Delta.

O apelido, assim, parece servir como um desafio pessoal para reconhecimento da memória do ‘eu’ antes da entrada no grupo, e para significar aquilo que não mais quer ser. É revelador, desse modo, de uma possibilidade nova de inserção no mundo como melhora de si e dos outros. O apelido assume, desse jeito, uma espécie de marca registrada de individualidade e de aceitabilidade de cada membro no grupo. O cognome dado a cada um é associado a uma espécie de sinal pessoal distintivo e de reconhecimento individual na coletividade e entre cada um dos seus interlocutores no espaço grupal, o que o torna uma espécie de sobrenome pessoal no coletivo.

A alcunha ou epíteto ao individualizar o sujeito, qualificando-o na medida exata do que tem de mais difícil de ser encarado em cada um na rememoração de sua curva de vida, torna-se, quando atribuído nas “rodadas de conversa” sistemáticas entre os Deltas, uma espécie de renascimento de cada um para si mesmo e para o mundo através do grupo. Recria o sujeito não pelo isolamento proporcionado pela culpa ou pela vergonha dos seus atos ou aspecto, mas por torná-lo autônomo através do enraizar-se na coletividade Delta. De onde ganha criticidade da problemática que o isolava e adquire tolerância e compreensão de sua vida e das mudanças que quer realizar consigo próprio e junto aos outros, Deltas ou daqueles ainda não são, mas possíveis de virem a se tornar.

O apelidar entre os Deltas, deste modo, parece possibilitar um caminho para autonomia de cada membro, pelo uso da palavra síntese da vida passada, anterior ao grupo, e do que é e quer cada vez mais se aprimorar na sua vida presente e futura. Parece funcionar, assim, como uma espécie de metalinguagem comunicativa (MAGALHÃES, 1974) que estipula fronteiras e formas de aprimoramento e ultrapassagem para um tipo de construção permanente de cada um e do grupo como um todo, enquanto mensagem ou anúncio de uma vida afirmativa e adequada ao espírito Delta, assumido e advogado para si e para os demais, enquanto vida comum.

A nomeação entre os Deltas parece assim ser a parte final de um longo ritual de iniciação. Os apelidos funcionam como uma espécie de batismo que inaugura e enfatiza a entrada de um novo membro no mundo Delta. De onde, coletivamente, cada novo membro se veste com o passado que o afligia para melhor aceitá-lo, compreendê-lo e modificá-lo a partir de então.

O viver com a síntese do passado pessoal, no novo nome adquirido na passagem promovida pelo ato ritualístico de nomeação, força cada membro a nunca esquecer o que foi, e usar o passado como um vigor de enfrentamento do mundo interno e externo ao Delta. Como um sinônimo vivo na carne, como uma agonia que conduz na sua anuência de sofrimento a possibilidade de libertação, sempre a partir de um lugar de origem, de um lugar de referência, que tornou e torna dia após dia cada membro em um anunciador, dentro de um processo diariamente renovado de imersão ao grupo Delta⁹.

7 Em 23 de junho de 2002

8 Em 15 de dezembro de 2002.

9 Ver, para uma analogia com a idéia de sofrimento e de libertação no cristianismo, Kristeva (1988, pp. 163 a 222) e Carse (1987, pp. 245 a 280)

O ato de apelidar, no ritual de nomeação entre os Deltas, portando, permite a verificação do outro através da própria experiência, como uma espécie de tempo contínuo que integra passado, presente e futuro, através da apropriação do passado enquanto ruptura e de estar no mundo agora e no amanhã. O estar no mundo, a partir do batismo Delta inaugura também um espaço de compreensão do eu enquanto nós. E do nós, coletividade Delta, através do aprimoramento permanente de cada um e da ampliação do espaço e do espírito do grupo aos demais.

O ato de apelidar trama, ou assim o parece, uma experiência espaço temporal do grupo e, simultaneamente, o estabelece em um processo ininterrupto de constante re-inauguração enquanto sistema simbólico de sociabilidade e pertença, em cada um dos membros nele atuante.

A cada “rodada de conversa” o grupo ao fazer o repasse de cada um na nomeação das trajetórias anteriores a pertença ao Delta, vai como que descobrindo o nome a ser dado a cada novo membro e possibilitando a imersão dos novos e a solidificação dos laços dos antigos membros no grupo. Uma contínua re-inauguração do coletivo e de cada um dos seus membros parece ser então elaborada, através das “rodadas de conversa” que objetificam o que aqui está se chamando de ritual de batismo de novos membros e da imersão renovada dos antigos, consubstanciando e solidificando pela cristalização¹⁰ e evigorada do espírito de grupo o próprio Delta como movimento organizativo.

Cada batismo é, igualmente, recebido com festa (gargalhadas, brincadeiras, troca de afagos, gestos, afetos) pelos integrantes que também, em certo sentido, renovam os votos para com o grupo no exercício da autocrítica que situa cada um no momento anterior a sua entrada, revivendo o sofrimento do passado e a nova ordem que se abria com o advento da palavra através do apelido dado ou atribuído, mas em todo caso aceito e objeto de remontagem afirmativa de cada vida individual presente e futura.

A cada novo batismo, a cada novo ritual de nomeação, a cada “rodada de conversa” todos os membros ouvem, vêem, e reafirmam os seus novos nomes e a descoberta de um sempre novo espírito grupal que os une mais, através da inserção de um outro membro. O que os fazem reviver a onomástica, enquanto simbologia que funda e reinventa a cada novo membro a tradição Delta. Em cada ritual de nomeação, assim, há o esforço de relacionar os novos membros com a comunidade atual. Esta última os recepcionando com a história de cada um dos que dela já faziam parte e os levando a aderir pela imersão a partir da história de cada iniciante, afirmando o caráter coletivo da entrada no grupo como identidade de passados e afirmação de um novo renascimento a partir do batismo.

Uma relação profunda de pertença entre os indivíduos parece ser instituída, assim, através da atribuição e assunção de seus novos nomes, como uma espécie de metáfora para referir-se ao ser de cada um por inteiro através do apelido no grupo. Apelido que sintetiza o tempo através da apropriação do passado no nome conferido e assumido, e refunda o espaço como sistema simbólico que remete ao âmago de cada um, consubstanciando as pessoas na relação de cada um com o ‘nós’ e do ‘nós’ em cada um.

Onomástica, Apropriação do Passado e Controle Social

O apelido ao assumir uma espécie de sinal esculpido de individualidade, como uma tatuagem reveladora do que cada um foi antes da entrada no Delta e modeladora das formas de aceitabilidade no grupo, age, de um lado, como uma espécie de marco distintivo e de reconhecimento individual de cada membro no grupo. De outro lado, porém, parece também atuar como um ponto de flexão sobre a disciplina imposta por cada um a si mesmo e controlada por todos os demais membros, de forma a não decair e superar sempre e cada dia mais os limites que inauguram o novo ser gerado a partir do batismo ou processo de imersão na comunidade Delta.

A consciência de si e a tolerância para com o que se foi, registrado como uma marca na onomástica do grupo, se leva à criação de um novo ser no e para o mundo, implica também na busca, de cada membro e do conjunto comunitário, de superação dos limites individuais através da autocrítica renovada de cada história particular e da objetificação da melhoria alcançada e do quanto deve ainda ser conseguido para tornar-se plenamente um Delta.

Em um artigo anterior sobre o grupo (KOURY, 2002) se discutiu a questão da reciprocidade entre os membros como uma espécie de expectativa individual de ser digno e de descobrirem-se mercedores e mantenedores de apreço e consideração, enquanto ato ou conjunto de ações confiáveis na coletividade. Como um tipo de compromisso moral. Faz parte da reciprocidade Delta, assim, a fidelidade aos princípios morais do grupo e a lealdade com e nos outros, e a revelação de que é o grupo que permite e garante a visibilidade das individualidades nele emersas. Na perspectiva Delta, portanto, só há indivíduo no grupo e sem o grupo não há possibilidade de individualidade.

Um constante e continuado exame da organização sobre o comportamento de cada um no interior e fora da comunidade, neste sentido, faz parte da performance Delta. Nesta permanente avaliação os compromissos

10 Cristalização no sentido ambivalente da palavra, de solidificação de cristais, e de encantamento, no brilho esfuziante que parece provocar em que o observa, no sentido dado por Stendhal (1993).

baseados na fidelidade e na fiabilidade são checados e as advertências dispostas de forma imediata aos indivíduos em prova. Através de instrumentos disciplinares controlam-se as atitudes individuais, e movimentam-se um contínuo de afirmação do compromisso Delta por cada membro e uma vigilância de todos sobre a manutenção do contrato social de cada um. Na expressão da existência do corpo Delta acima de cada membro prevêm-se demonstrações de invisibilidade do sujeito em teste ou da demonstração da sua não existência e importância para o grupo como totalidade.

As “rodadas de conversa”, deste modo, são imprescindíveis para este demonstrativo permanente de reciprocidade baseado na lealdade e na confiabilidade. Os apelidos, da mesma forma, são instrumentos eficazes de medição do esforço particular de cada membro para sua atuação no conjunto grupal. Ambos são sentidos como um duplo e simultâneo desafio: à compreensão dos laços de intimidade e de similaridade entre os membros, e como fundamento de balizas da individualidade de cada um, pela aspiração de pertencer.

“Toda vez que tem uma rodada eu me sinto, ao mesmo tempo, constrangido e exuberante. Não sei bem porque. Eu acho que é por causa de eu ter que relatar tudo, tudinho mesmo o que eu fui antes de ser um Delta, falar de como me sentia, de como me sinto, e falar do que eu estou fazendo para me melhorar e levar com decência o nome do grupo onde quer que eu esteja. Falar do que eu fui até que é fácil, pois, em certa parte é reviver na fala o apelido que uso como minha identidade e identificação: eu sou o Língua Ruim como o senhor sabe. Falar de como me tornei e como sou outra pessoa depois que entrei na comunidade, também é legal. Meus olhos sempre brilham, eu me empolgo, me coloco mesmo com toda exuberância como falo no depois da minha entrada. O mesmo acontecendo quando vejo que os outros Deltas também passaram poucas e boas e hoje são muito melhores do que eu. Eu vibro...”

“Eu fico constrangido, porém, toda vez que tenho que omitir que eu ainda sou pego com frequência querendo falar mal, fuxicar, me envolver no que não devo... fico me cagando pra que os outros não descubram e me cobrem, me dêem um caldo ou ponham no gelo e me façam sair do grupo. Aí sou todo apertado, falando aqui, saltando ali, revelando alguns sufocos, mas dizendo da minha luta para não me deixar cair, e coisa e tal... Mas no geral eu vibro e me asseguro de que só o Delta me deu aquilo que eu sempre busquei, um grupo de apoio, um grupo de irmãos, um grupo que me faz cada vez mais buscar ser eu mesmo ao me superar a cada novo ganho... só que as dificuldades são grandes e eu às vezes me sinto pra lá de solitário, não ousando confiar em ninguém os meus dramas mais íntimos, com medo de ser mal entendido e me dar mal e voltar pra vida que eu levava antes, de rejeitado e sem amigos e, ao mesmo tempo, me sentindo culpado por agir assim...”¹¹.

Os apelidos ao serem repassados enquanto narrativas de curvas de vidas de cada membro nas “rodadas de conversa” lembram a todo o momento, de um lado, o que se foi e que se quer reparar e superar, ao próprio sujeito vestido e representado no grupo através do seu nome. Demonstrem, também, de outro lado, uma lógica de igualdade de todos os membros via vestimenta da aflição e ansiedade, como uma espécie de carga simbólica da necessidade de superação e de não se recair em erros do passado, o que parece tornar cada membro em um ser diferente pela subsunção ao todo. E, simultaneamente, à vestimenta desta aflição e ansiedade, uma sobreveste de medo. Medo de revelar as fraquezas e recaídas ao ser que já foi e de ser mal entendido pelos demais membros do grupo, o que os torna, frequentemente, em indivíduos discretos e de emoções ambivalentes, como parece revelar o depoimento do Língua Ruim acima, reforçando o caráter moral do grupo sobre cada membro individual.

A aceção conferida pela atitude moral do grupo se consente e proporciona garantia a cada membro individual e à prática grupal pela disposição da lealdade, parece induzir uma censura inflexível a cada membro singular e a todos os membros para as ações proferidas solitariamente, ou em conjunto, por cada um deles. A narrativa do *Língua Ruim* sugere plainar entre os Deltas, indivíduos ou grupo, uma ininterrupta intimidação, gerando atitudes ambíguas, sobre como se comportar, como se portar, o que expor e o que silenciar.

Parece, deste modo, que atitudes, gestos, ações, confissões, declarações, ou reações são firmemente avaliadas no grupo, sem carecer de um dispositivo especial para que isso ocorra. A segurança de fidelidade ao grupo e de cada Delta consigo próprio parece passar por um processo de extrema vigilância de um sobre os outros.

Os membros colocados sobre observação mais intensa são, por seu turno, sujeitos a dispositivos disciplinares como o caldo e o gelo. O indivíduo em condição de gelo passa por uma situação de estranha invisibilidade, é ignorado pelos demais como se não existisse ninguém ao redor. Não há agressão verbal nem física, apenas uma expressão de sentimento de inexistência do outro.

O caldo como método disciplinar é uma tentativa de sufocar social, de fazer o indivíduo nele incluso sentir-se perdido, solitário e sem apoio, sequer de um olhar. As buscas de aproximação de um indivíduo em caldo são tentativas vãs, pois para os demais membros do grupo é como se não houvesse ninguém se aproximando: os círculos ou pequenos grupos de conversa prosseguem ou se dispersam, e lidam com o membro suspeito como se

11 Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2003, após vários encontros e conversas informais com o informante. Rapaz de 23 anos, com o segundo grau completo há dois anos e se prepara para iniciar o curso de Direito na Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Trabalha com o pai em um escritório de representação comercial no centro de João Pessoa.

ele não existisse. Acirrado pela suspeita ou rompimento das convenções junto ao todo, o processo de individuação do membro em situação de caldo ou gelo em relação ao grupo é ritualizado.

Processo ritual onde se provoca a invisibilidade do membro em julgamento para com o grupo. Ritual onde se remonta a idéia de coesão interna através da separação do outro, com a invalidação dos vínculos societários para com ele. A invisibilidade e inexistência do outro é corroborada pela demonstração da visibilidade e corporeidade do grupo, de sua coesão interna movidas pelas regras de confiança e irmandade.

Este ato ritualístico tem por objetivo evidenciar para o próprio grupo a noção de segurança como o componente imperativo ao custeamento do social. Os dispositivos disciplinares, conceito empregado aqui próximo ao uso atribuído por Foucault (1977), existem então no grupo para os casos comprovados de desconfiança ou evidencia de faltas graves. Dispositivos que podem chegar a induzir os membros a comportamentos extremados de imposição de isolamento e sofrimento a quem o recebe. A sensação de invisibilidade posta sobre o suspeito diz respeito, assim, as introjeções individuais sobre como ser um Delta, onde as ações de cada um são movidas pela presença constante de um forte sentimento de vergonha¹² de expressão sobre as incoerências vivenciadas ou experienciadas por cada membro individual, e do medo de ser acometido por atos que possam ser considerados como não coerentes ao que se espera de um Delta.

As “rodadas de conversa”, deste modo, se equivalem a um mergulho ao âmago do grupo e a cada um dos Deltas, através da peculiar onomástica presente em forma de atribuição de apelidos aos novos e como rememoração constante para todos os membros do que cada um foi e de como cada qual ressurgiu na vivência no grupo, reforçando a moral e a cultura igualitária presente na simbólica grupal, diz respeito, também, a toda uma construção interna das emoções de cada sujeito no grupo pela coletividade (MAUSS, 1980). A questão do poder surge no sistema de nominação através da forte discríção que cada membro tem de revelar-se ao outro, embora advoguem o contrário, em uma primeira conversa, e a revelação do si seja a marca de igualitarismo na ideologia Delta.

O medo de ser pego em flagrante delito, mesmo através da palavra ou pensamento, e não necessariamente da ação, faz com que cada membro se recolha a si mesmo e omita referências que possam ser mal interpretadas, ou nas palavras de Malcheirosa¹³, “meço constantemente o que eu digo e presto atenção a tudo o que todos os demais dizem. É uma forma de ficar atenta ao bom convívio entre nós todos e a boa atuação de tudo o que o grupo deu a nós e que a gente tem que conservar acima de qualquer coisa. A única forma de ser igual é ficando atenta ao que se passa nas conversas, nas coisas que todos fazem. E tendo o cuidado de não deixar revelar as tentações que passam pelas cabeças, a não ser com muito cuidado, para que possam ser gozadas e não servirem com desgraça de quem as disse ou de quem as ouviu dizer...”

Uma má interpretação poderá vir acompanhada de várias atribuições para a pessoa nela envolvida. Desde as etapas de evitação até a possível expulsão do grupo são imaginadas por cada membro com uma espécie de grande receio de ser o que está na berlinda. Está na berlinda para os Deltas é estar sob suspeição, sob os olhares de toda a coletividade. É anterior ao ato de evitação pública e funciona em quem nela é colocado de sentir-se em constante vigilância, não só de olhares, mas de perguntas, de “jogar verde para colher maduro”, como informa Mãozinha¹⁴, “quando o fulano sente que qualquer palavra que disser ou gesto que fizer pode ser fatal pra ele, e ele fica sem saber onde por os pés, as mãos, sem saber onde colocar nada, só apavorando cada vez mais, só apavorado, até que pergunta o que ta havendo, e aí começa a coisa do fazer que não ta vendo, que não ta acontecendo, que até o sujeito não existe”.

“Começa o gelo brabo, e ele fica sem referências, e tem gente que conheço que quis até morrer... Em muitos casos, depois que há uma averiguação e se vê que o cara não tava mal intencionado e tal, dá-se um jeito de recompô-lo, mostrando a ele que o caminho aqui é de ser igual, tudo todo mundo sabendo, até os fraquejos tem que ser ditos para não haver interpretação errada. Mas, mesmo assim, de volta, o sujeito sente que o jeito de continuar é dizendo tudo e nada ao mesmo tempo... e aí a vida continua e a gente volta à irmandade de sempre. E o erro que se cometeu é encarado como erro e como passado que não se quer mais voltar”.

Em outro trecho da longa entrevista, Mãozinha informa que “eu assisti uns irmãos que depois de uma bolada toda de um negócio que chegou a beirar a expulsão do grupo que, quando tudo acabou, em uma rodada de conversa propôs trocar de apelido, para um condizente com o fato que fez ele ser quase colocado para fora, e o

12 - Para um aprofundamento sobre a emoção vergonha ver, entre outros, Elias (1990 e 1993), Harkot-de-la-Taille (1999), Koury (2003).

13 O apelido de Malcheirosa vem das constantes humilhações de que se diz vítima antes de entrar no Delta por viver em uma rua de palafitas na beira do rio Sanhauá, em João Pessoa, sempre sujeita a enchentes, por causa da alta da maré, e pelo constante cheiro de lama do leito do rio quando da maré baixa. E por querer esconder o fato de morar em um lugar tão pobre para todos os colegas do colégio onde estudou até o primeiro ano do segundo grau. Malcheirosa tem 20 anos, tem dois filhos de pais diferentes e trabalha em uma lanchonete do centro da cidade de João Pessoa. Atualmente mora em duas ruas acima da rua onde morava, em uma “casa pobre, mas decente. Limpinha e cheirosa”. Entrevista realizada em 03 de março de 2003.

14 Entrevista concedida em 22 de janeiro de 2003. Mãozinha é um rapaz de 18 anos com um defeito de nascimento no braço esquerdo que “me incomodava muito e me fazia sentir rejeitado por todos, até que eu entrei no Delta”. Mora com a família, está terminando o segundo grau em um colégio estadual do centro da cidade de João Pessoa.

O apelido age como uma marca na onomástica do grupo e, se leva à criação de um novo ser no e para o mundo, implica também na busca de superação dos limites individuais e da objetificação da melhoria alcançada e do quanto deve ser perseguido para o vir a ser plenamente um Delta. O que parece reforçar a perspectiva Delta de só haver indivíduo no grupo e não existir possibilidade de individualidade fora da coletividade.

De onde surge para a questão do poder, no sistema de nomeação Delta, a ação cultural e a eficácia moral do coletivo sobre cada um dos membros como uma garantia da memória simbólica do grupo. A onomástica agindo, através do incentivo constante ao mea culpa, para a transformação do ato de rememoração individual em uma forma de controle grupal e, simultaneamente, na possibilidade de emergência de um novo ser Delta, no e para o mundo. De onde se pode compreender, enfim, para conclusão, que o sistema de nomeação Delta e a prática de rememoração constante do que se foi, através dos apelidos, agem na direção de um renascimento individual, e ao assim o fazerem recriam o grupo pela permanência e solidificação de sua presença no interior de cada sujeito e entre os seus membros em relação.

Bibliografia

- CARSE, James P. (1987). *Muerte y Existencia: Una Historia Conceptual de la Mortalidad Humana*. México: Fondo de Cultura Económica, pp. 245 a 280.
- ELIAS, Norbert. (1990). *O Processo Civilizador*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, Norbert. (1993). *O Processo Civilizador*. Vol. 2, Rio de Janeiro: Zahar.
- FOUCAULT, Michel. (1977). *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes.
- GOFFMANN, Erving. (1988). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. (1999). *Ensaio Semiótico sobre a Vergonha*. São Paulo: Humanitas.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). "Confiança e Sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença". *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 1, n. 2, pp. 171 a 205. <http://www.rbse.org3.net>.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2001). "Enraizamento, Pertença e Ação Cultural". *Cronos*, v.2, n.1, pp. 131 a 137.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003). *Sociologia da Emoção. Um Estudo do Brasil Urbano sob a Ótica do Luto*. Petrópolis: Vozes.
- KRISTEVA, Julia. (1988). *Historias de Amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 163 a 222.
- MACHADO, José Pedro. (2001). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Arsenal.
- MAGALHAES Jr, Ricardo. (1974). *Como Você se Chama? Estudo Sócio-Psicológico de Prenomes e Cognomes*. Rio de Janeiro, Editora Documentário.
- MALDONADO, Simone Carneiro. (2003). "A Chama Dourada: Sociabilidade e Religiosidade na Internet". *BOCC – Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. <http://www.bocc.ubi.pt>. (texto consultado em 10.03.2003).
- MAUSS, Marcel. (1980). "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos". In, Sérvulo Augusto Figueira, Org. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 56 a 64.
- MEAD, George. (1934). *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- STENDHAL. (1993). *Do Amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- WIKIPIDIA *Free Encyclopedia*. (2003). <http://www.wikipedia.org/wiki/wikipedia>. (Verbetes consultados em 25.02.2003).